

LIVROS EM DESTAQUE

OPÚSCULO HUMANITÁRIO

Nísia Floresta Brasileira Augusta*
Rio de Janeiro, M.A. Silva Lima, 1953.

A Autora procura demonstrar a influência da educação das mulheres sobre a moralidade e a civilização dos povos; faz um retrospecto histórico da posição da mulher nas civilizações até a Idade Moderna e aponta a Alemanha, a Inglaterra, a França e os Estados Unidos como exemplos de países que conferem à mulher igualdade e oportunidade de educação. Analisa a educação da mulher no Brasil, desde seus primórdios, atribuindo à herança portuguesa o desprezo pela cultura em geral, e mais ainda pela educação feminina. Critica o sistema de ensino particular existente e lamenta o pequeno número de escolas primárias públicas destinadas às meninas, oferecendo dados da época (Império). Aponta a educação viciada da infância e juventude, entregues aos cuidados de escravos, presenciando a promiscuidade e a linguagem grosseira dos adultos e sofrendo imposições da moda, muitas vezes imprópria para a idade. Advoga uma educação feminina baseada na religião e na moral, que estimulando a razão e o senso de dignidade da jovem a prepare melhor para seu papel de esposa e mãe.

M.C.C.

EDUCAÇÃO NO BRASIL — ANOS 60 — O PACTO DO SILÊNCIO

Ivani Catarina Arantes Fazenda**
S. Paulo, Edições Loyola, 1985.

Este trabalho surge quase como *catarse* de um momento histórico que vivi intensamente — era então estudante de Pedagogia na Universidade de São Paulo e participante diretamente envolvida na efervescência da Campanha em Defesa da Escola Pública, sendo posteriormente, professora de cursos de especialização em educação do extinto Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo — um dos poucos redutos onde se podia falar sobre Educação. Apesar das frustrações sofridas no período, procurei abster-me de vários ressentimentos então havidos e ater-me a um referencial teórico-metodológico oferecido pela Antropologia nos cursos de pós-graduação para doutorado na Universidade de São Paulo.

O subtítulo — o pacto do silêncio — refere-se a um mistério que envolveu a história do Brasil na época de 60 a 70. Vou tentando desvendá-lo através de um passeio

pela situação educacional e política da época, incluindo uma retrospectiva dos anos 20 a 60, retomando documentos e principalmente artigos de jornais. A intenção foi vislumbrar *outras facetas e dimensões* por detrás do que vem sendo afirmado e repetido a respeito de fatos e pessoas ainda hoje atuantes.

No trabalho, procura responder a algumas indagações como as seguintes:

- de que forma as implicações econômico políticas foram as determinantes da situação educacional nos anos 60?
- quais os artifícios de que o governo se serviu para calar as vozes e consciências dos educadores e estudantes da época?
- em que medida o projeto educacional na década de 60 esteve atrelado aos interesses das multinacionais?
- Como o Congresso Nacional agiu na tramitação da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus?
- de que forma a palavra dos educadores chegava até o povo?
- os educadores foram omissos à proposta reformadora?

Meu principal questionamento entretanto, é em relação ao *como* e *porque* foi permitido ocorrer uma alteração no conceito de *homem* visado pela educação sistemática, como a idéia de *cidadão* foi se deslocando, e sendo colocado em seu lugar a idéia de *operário* — entendendo-se aqui operário por aquele cidadão condenado a mais não ter que sua força trabalho. Com muita surpresa, verifiquei que esta alteração não foi produzida diretamente pelos tecnocratas, mas, pela *intelectualidade* a serviço de uma burguesia neo-tecnocrática dominante. Outra constatação obtida foi a de perceber que o educador “pairou em seu ninho”, ou porque não tinha onde se ancorar, ou porque teve medo das represálias, ou por ter estado habituado a um discurso vazio, à inexperiência política, ou por ter sua consciência entorpecida pelo perfume das metodologias e técnicas estrangeiras. Embora ainda muitas dúvidas persistam, e minha fala seja mais indagadora do que conclusiva, penso ser oportuna neste momento, em que renascem esperanças de um novo diálogo nacional, em que se espera que os educadores possam contribuir efetiva e democraticamente, e espero aguçar a cabeça do leitor para o fato de que em educação, passa o momento dos fatos, mas os efeitos destes últimos se projetam adiante. . .

* Ver biografia Nísia Floresta na p. 84

** Apresentação do livro pela autora.

**DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA –
A PEDAGOGIA CRÍTICO-SOCIAL DOS CONTEÚDOS**

José Carlos Libâneo

São Paulo, Edições Loyola, 1985.

Trata-se de uma oportuna coletânea de estudos publicados esparsamente ou apresentados em simpósios e seminários. A linha condutora dos textos pode ser localizada no esforço do professor Libâneo em classificar e caracterizar as várias tendências pedagógicas, defendidas em diferentes setores acadêmicos e presentes em inúmeras práticas escolares.

Uma das contribuições desse trabalho parece ser a melhor explicitação, sob um determinado enfoque, da conhecida polêmica travada entre diferentes tendências pedagógicas progressistas sobre a relação entre o pedagógico e o político.

Como todas as categorizações, aquelas definidas na obra em questão devem suscitar resistências por contar inevitáveis reduções teóricas e simplificações quanto a práticas do cotidiano escolar. Entretanto, essas mesmas características tornam imprescindível e desafiante esse trabalho sistematizador, pois, ao questionar o texto, o educador/leitor é forçado a questionar-se também quanto à sua própria prática e quanto às construções teóricas implícitas.

Além disso, o prof. Libâneo amplia o debate, uma vez que, a partir da definição e da defesa da pedagogia crítico-social dos conteúdos, traça grandes linhas para o exercício da Psicologia da Educação, da Didática, da Orientação e da Supervisão Educacional. Ora, é nesse terreno mais prático do "fazer e do saber escolar" que as diferentes tendências pedagógicas progressistas têm sido questionadas por todos os educadores que, imersos no dia-a-dia da escola, não abrem mão da luta pela democratização dessa instituição.

Nesse sentido, o livro em questão constitui um avanço na direção de elaborações críticas que melhor instrumentalizem o cotidiano escolar.

Dagmar Zibas

ADOLESCENTE TAMBÉM É GENTE!

Israel Zekcer (org.), São Paulo

São Paulo, Summus, 1985

Em *Adolescente também é gente!*, livro organizado pelo médico pediatra Israel Zekcer, o leitor encontrará uma gama variada de assuntos tratados por 26 especialistas das mais diversas áreas como Medicina, Odontologia, Educação, Psicologia, Direito, Esporte. Entretanto, embora os editores se proponham a "trazer matéria de informação, de orientação e de reflexão" para adolescentes, a grande maioria dos artigos foram escritos mais na perspectiva de quem fala *sobre* adolescentes.

Assim, o primeiro artigo relativo a problemas de crescimento e desenvolvimento físico, de autoria do próprio organizador do livro, oferece uma espécie de manual de como o médico deve se relacionar com a adolescente e sua mãe durante a primeira consulta; outro artigo orienta professores de Educação Física e técnicos de esportes no sentido da preparação física e psicológica do adoles-

cente; outro sobre sexualidade traz informações a respeito das fases do desenvolvimento sexual e recomenda que pais e mestres se preocupem com a educação sexual; também na linha de conselhos aos pais, médicos e educadores há artigos sobre contracepção, drogas, nutrição, aprendizagem, conflitos de geração. E na linha de informação aos mais velhos, o leitor desinformado das gírias usadas atualmente pela juventude encontrará um interessante "dicionário adolescente-português" que para a sua formulação contou com a presença de três jovens, filhos de Zekcer.

Deste modo, apenas 3 dos 29 artigos foram escritos na perspectiva de quem se dirige explicitamente aos adolescentes, abordando temas como namoro, escolha da profissão e como enfrentar o vestibular.

Há ainda um aspecto que chama a atenção mais pela sua ausência. Num índice tão variado de assuntos que incluem temas delicados como o câncer e a morte, por que não tratar de um outro, também tabu, como o aborto? Embora esta questão apareça num artigo ou outro, entre tantas tomadas de posição relativas à adolescência, o aborto não mereceria um artigo em separado? E no entanto esta é sem dúvida uma das questões que mais afligem as mulheres, inclusive as adolescentes que, segundo alguns depoimentos médicos, compõem em número crescente às clínicas clandestinas ou simplesmente às "curiosas" de periferia.

Celia M. Marinho de Azevedo

APRENDENDO SOCIOLOGIA: a paixão de conhecer a vida

Paulo Meksena

São Paulo, Loyola, 1985

Paulo Meksenas escreveu *Aprendendo Sociologia: a paixão de conhecer a vida*, quando ainda estudante de Sociologia da USP. Mas o livro condensa seus três anos de trabalho como professor de 2º grau e aparece como a primeira publicação de Sociologia, desde que esta disciplina voltou ao currículo do 2º grau.

A publicação é dirigida a professores e alunos de nível médio e através da apresentação de conceitos, teorias e temas da Sociologia, o autor procura dar conta de duas ordens de preocupações. A primeira diz respeito ao caráter prioritariamente formativo da Sociologia para os alunos, tornando portanto fundamental a forma de transmissão do conhecimento. O estudo da Sociologia deve capacitar o aluno a compreender o seu tempo, a analisar objetivamente a realidade social e a construir sua participação na vida política. A segunda preocupação refere-se ao ensino da Sociologia através de um programa da disciplina, tal que amplie a capacidade educativa do professor através de atividades concretas de criação coletiva do conhecimento. Com este objetivo Meksena propõe exercícios no final de cada unidade, para que os alunos e professores busquem no seu cotidiano, resposta para os problemas da sociedade em que vivemos hoje.

Marlene Goldenstein